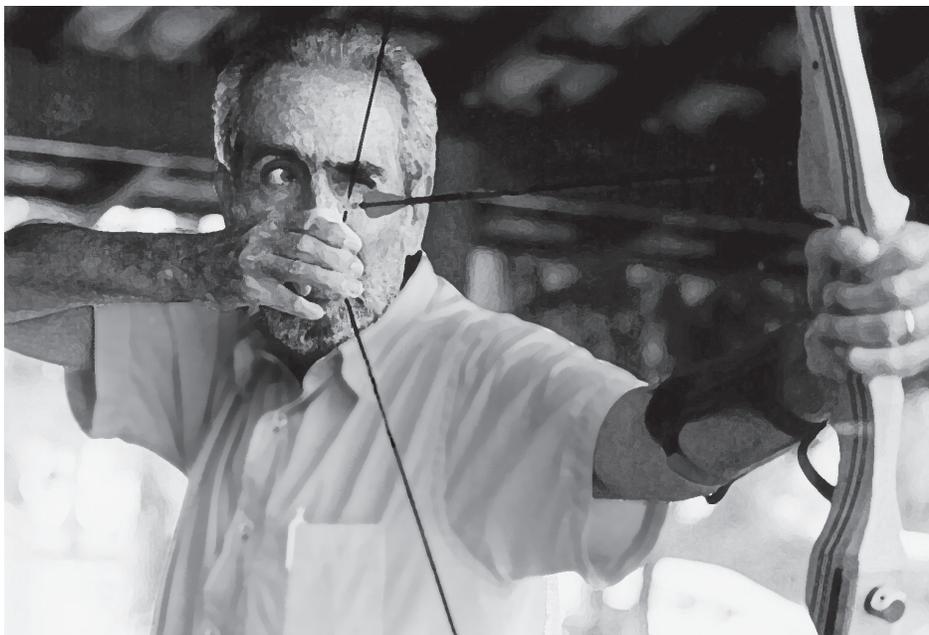


**MORTE
INVISÍVEL**
AUTORAS DE O MENINO DA MALA

LENE KAABERBØL
E AGNETE FRIIS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PRÓLOGO

NORTE DA HUNGRIA

— **Q**UEM SABE A GENTE NÃO encontra uma pistola? – disse Pitkin, apontando para a guarita ao lado do portão. – *Bang, bang!*

– Ou talvez uma metralhadora – ajuntou Tamás, disparando uma arma imaginária que estaria apoiada em seus quadris. – *Ratatatatatatá!*

– Ou um tanque!

– Não, eles levaram todos os tanques – retrucou Tamás com súbito e inoportuno realismo.

– Então uma granada – arriscou Pitkin. – Você não acha que eles podem ter esquecido uma granada por aí?

– Tudo é possível – respondeu Tamás, apenas para não acabar com as esperanças do amigo.

Anoitecera havia pouco. O dia fora chuvoso, o ar ainda recendia a umidade. Caso não tivesse parado de chover, eles decerto não estariam ali. Embora não depositasse a mínima fé em milagrosas pistolas, metralhadoras e granadas, Tamás sentia o estômago borbulhar de empolgação como se dentro dele alguém tivesse sacudido uma lata de refrigerante.

Uma cerca confinava o velho acampamento militar, mas havia muito o solitário vigia noturno desistira de defender o lugar contra as hordas de ladrões de ferro-velho. Ele se fechava como sempre na sua casinha, a única edificação que por ali ainda dispunha de amenidades como luz e água, e via alguma coisa na pequena televisão em preto e branco que trazia de casa e levava embora todas as manhãs, terminado seu turno. Certa vez, chegara ao ponto de disparar tiros contra os irmãos Rákos, que tentaram roubar o aparelho, e o episódio lhe rendera algum respeito. Agora vigorava uma espécie de trégua tácita no território que se estendia da guarita até o portão e a área imediatamente ao redor dele; nem mesmo o mais empreendedor dos larápios locais punha os pés ali. O resto, no entanto, era uma vasta terra de ninguém da qual já haviam levado quase tudo, senão tudo, do que era possível levar, inclusive pedaços da cerca. György Motas tinha roubado longos trechos para construir seu canil.

Tamás sabia perfeitamente que as chances de encontrar qualquer coisa de valor ali eram quase nulas. Por outro lado, o que mais havia para fazer em uma

noite quente de primavera quando não se possuía um mísero tostão? Embora falasse como um pirralho de 8 anos, Pitkin tinha quase 18 e era mais forte que a média. Se a sorte ajudasse, talvez eles encontrassem algo que outros haviam deixado para trás porque era pesado demais.

Os dois passaram por baixo da cerca. Tamás sorriu no escuro ao sentir o ligeiro arrepio que o acometia sempre que fazia algo proibido. Em torno deles ainda estavam de pé as paredes de cimento do que antes foram o refeitório, os banheiros, as oficinas e os gabinetes do acampamento soviético, lembrando o cenário abandonado de um filme. Janelas e portas desde muito já haviam encontrado um emprego melhor em outros lugares, assim como vigas, telhas, radiadores, canos, torneiras, pias e vasos sanitários. Os barracões de madeira em que dormiam os soldados também já tinham sumido, subtraídos tábuas por tábuas, restando apenas os alicerces de concreto. A maior e mais preservada das edificações era a velha enfermaria de três pavimentos, elevando-se feito um castelo medieval cercado de toscos casebres. Durante muitos anos após a retirada dos russos, ela servira de clínica para atendimento da população local, administrada por uma das diversas organizações de ajuda ocidentais. Mas, com o passar dos anos, médicos, enfermeiros e voluntários anglófonos haviam voltado para suas casas, abrindo espaço para que os rapinadores descessem sobre o lugar como um bando de gafanhotos. Os primeiros tinham auferido um bom lucro: Attila, por exemplo, encontrara um pequeno armário repleto de frascos de álcool isopropílico; Marius Paul, por sua vez, conseguira desovar três microscópios por 50 mil florins em Miskolc. Atualmente, a velha enfermaria se resumia à carcaça vazia de um frango já eviscerado até as últimas carniças, mas era para lá que Tamás e Pitkin agora se dirigiam.

Tamás cruzou o vão da porta e acendeu a lanterna para ver onde pisava. O luar atravessava as frestas do telhado e desenhava figuras azuladas numa escuridão densa, úmida e impenetrável.

– Buu! – gritou Pitkin às costas dele, alto o bastante para fazer o amigo estremecer. O som ecoou nas paredes e ele riu. – Ficou com medinho?

Tamás não fez mais que grunhir: Pitkin não passava de uma criancinha.

No chão ainda se viam os restos encardidos do linóleo de outrora e, nas paredes, traços da tinta verde. Tamás apontou a lanterna escada acima. No alto do terceiro andar, era possível ver algo do céu noturno, apenas um pedacinho, de onde os gatunos haviam surrupiado as telhas. O porão era inacessível; os russos o tinham lacrado de um jeito bem simples: jogando cimento molhado no fosso de ambas as escadas que levavam ao lugar.

Pitkin perscrutou o corredor deserto. Tomou a lanterna de Tamás, brandiu-a como se fosse uma arma e irrompeu no primeiro cômodo.

– Ninguém se mexe! – berrou, apontando o facho para a ala hospitalar vazia.

– Shhh – fez Tamás. – Quer que o vigia ouça a gente?

– Bobagem. O cara deve estar roncando na frente da TV, como sempre.

– Pitkin subitamente avistou algo que o fez deixar de lado a pose de herói. – Opa. Alguma coisa aconteceu aqui...

Ele estava certo. Passeando pela parede descascada, o foco da lanterna agora revelava uma imensa rachadura na alvenaria sob a janela e, no chão, uma pilha de escombros razoavelmente maior do que as outras que se viam por toda parte. Um pedaço do teto havia ruído, deixando um rombo emoldurado de fiapos de gesso. Tamás passou a temer que o resto da estrutura pudesse vir abaixo a qualquer momento, fazendo dele e de Pitkin o recheio humano de um belo sanduíche de concreto. Então ele enxergou algo que atiçou sua cobiça.

– Ali! Ilumina ali! – exclamou Tamás.

– Ali onde?

– Na janela. Não, mais para baixo, no chão...

Talvez aquilo fosse obra do apodrecimento natural do prédio, talvez dos pequenos tremores que por vezes encrespavam o café que eles bebiam em casa. Fosse o que fosse, a velha enfermaria agora se achava alguns passos mais próxima da ruína total. A rachadura na parede havia feito parte do piso afundar para o porão inacessível abaixo dele.

Os amigos se entreolharam.

– Deve ter uma porrada de coisas lá embaixo – disse Tamás.

– É verdade – concordou Pitkin. – Talvez até uma granada...

Para Tamás, seria mil vezes preferível que houvesse ali dois ou três microscópios como os que Marius Paul tivera a sorte de encontrar.

– Eu consigo passar pelo buraco – garantiu. – Me dá a lanterna.

– Também quero descer.

– Eu sei, mas tem que ser um de cada vez.

– Por quê?

– Seu idiota, se a gente descer junto, como é que vamos sair depois?

Sem uma corda ou uma escada, Pitkin foi obrigado a ceder. Portanto, Tamás sentou-se na borda do buraco e cautelosamente passou as pernas para o outro lado. Ele hesitou por alguns instantes.

– Depressa! – exclamou Pitkin. – Senão desço eu!

– Já vou, já vou. Só mais um segundo.

Tamás não queria que o amigo o considerasse um covarde, então se deixou

escorregar buraco abaixo. Antes mesmo de tocar os pés no chão, sentiu um doloroso rasgo no braço.

– Aai! – berrou, desabando de mau jeito sobre os escombros do teto.

A queda chacoalhou todos os seus ossos, mas não superou a dor no braço esquerdo.

– O que aconteceu? – perguntou Pitkin.

– Alguma coisa me cortou.

Tamás podia sentir o sangue empapando a manga da camisa. *Merda*. Uma farpa de aproximadamente 20 centímetros espetava-lhe as carnes logo abaixo da axila. Ele conseguiu retirá-la, mas nada pôde fazer quanto à ferida. Esperou a dor passar, porém o ferimento só latejava mais.

– Bom, tem alguma coisa aí embaixo? – indagou Pitkin, impaciente, já nem um pouco preocupado com o bem-estar do companheiro.

– Não dá para ver porra nenhuma, né? Me dá essa lanterna aí.

Pitkin se deitou na beira do buraco e esticou o braço. Tamás penou para pegar a lanterna. Por sorte o porão tinha um pé-direito mais baixo que os demais recintos da enfermaria.

Logo ficou claro que eles haviam encontrado um tesouro. Tudo ainda estava lá, tal como imaginado. Duas macas hospitalares, toneladas de instrumentos – infelizmente, nada que lembrasse um microscópio. Os radiadores, as torneiras e as pias estavam intactos. Nas prateleiras e no armário metálico, havia livros, frascos e garrafas; num dos cantos, uma balança manual idêntica à da enfermaria da escola, dessas em que os pesos vão deslizando até as réguas se equilibrarem. E aquele era apenas o primeiro dos cômodos. Tamás até esqueceu o braço ferido enquanto calculava a fortuna que embolsaria caso eles conseguissem tirar todas aquelas coisas dali antes que outros também descobrissem a caverna do tesouro.

– Alguma arma? – perguntou Pitkin.

– Ainda não sei.

Tamás abriu a porta que dava para o corredor, umas das muitas que havia ali embaixo, todas de metal, grossas, pesadas e rangentes. Foi examinando às pressas cada um dos recintos, iluminando-os com a lanterna. O primeiro era claramente uma sala de cirurgia, pois as lâmpadas enormes ainda pendiam do teto e uma mesa metálica jazia no centro. O segundo era um depósito repleto de armários trancados. O coração de Tamás acelerou quando ele viu caixas fechadas de medicamentos nas prateleiras de vidro. Dependendo do que fossem aquelas drogas e do estado de conservação em que se encontravam, era bem possível que valessem muito mais do que microscópios.

Porém, foi o cômodo seguinte que o fez parar e olhar com atenção, sem nem registrar os berros impacientes de Pitkin.

No passado, aquilo devia pender do teto, mas os tremores ou o desgaste haviam afrouxado os parafusos compridos e, a certa altura, a coisa inteira despencara no piso de cerâmica rachado. Durante a queda, a esfera tinha se soltado do braço e estava rachada e arranhada; a tinta amarela lembrava as minas navais que Tamás já conhecia do cinema. Com muita cautela, ele tocou o objeto com a ponta dos dedos. Estava quente. Não muito, apenas com uma temperatura próxima à humana, como se fosse um ser vivo. Apesar da poeira e dos arranhões, ainda era possível ler a etiqueta de advertência, as letras pretas contra o fundo amarelo.

Tamás recuou um passo. Notou que a luz da lanterna estava mais fraca. De certo eram as pilhas que ameaçavam morrer. Ele teria que voltar para o buraco antes que ficasse no breu. No cômodo vizinho, arrombou um dos armarinhos e recheou os bolsos com os frascos e caixas de remédio que foi pescando aleatoriamente. Pitkin voltou a berrar, agora em tom mais audível.

A cabeça de Tamás fervilhava com os pensamentos que se atropelavam. Ele via o futuro com absoluta clareza, sabia perfeitamente o que precisaria fazer dali em diante. Era como se relembresse uma experiência do passado e não estivesse planejando uma situação futura. Isso mesmo. Primeiro a gente vai ter que fazer isto. Depois aquilo. E então, se eu conseguir um...

– Encontrou uma granada? – Pitkin foi logo perguntando, menos aflito agora que via o amigo de volta.

Tamás ergueu os olhos para o buraco, o rosto de Pitkin assomando do outro lado feito a lua em meio à escuridão. Um estranho sorriso cresceu involuntariamente nos lábios de Tamás até se alargar como a boca de um sapo.

– Não – respondeu sem muito ar nos pulmões, ainda visualizando a esfera amarela com sua sinistra advertência.

– Então encontrou o quê? Anda, fala!

– Algo muito melhor que uma granada. Muito, muito melhor...

ABRIL

NOS ÚLTIMOS TEMPOS, SKOU-LARSEN SÓ pensava em sua morte iminente. Ao se levantar de manhã, sentia certa dificuldade ao inalar, como se respirar não fosse natural. Precisava fazer um esforço consciente para encher os pulmões. As dores nas juntas desde muito já haviam se tornado um ruído de fundo que ele mal ouvia, por mais que o exaurissem.

Nada mais justo, supunha. Afinal, aquele corpo originalmente tão confiável estava na labuta desde 1925 e já era de se esperar algum grau de decadência. O que mais o aborrecia não eram as dores e a falta de ar, mas o que elas significavam.

Encarou o advogado que o defrontava do outro lado do tampo branco e lustroso da mesa de reuniões, armado com uma maleta de aspecto profissional e óculos supostamente estilosos.

– Quero apenas que minha mulher tenha todo o apoio necessário depois que eu for embora – disse Skou-Larsen.

Era assim que ele havia decidido se referir à própria morte: “ir embora”. Via algo de gracioso na expressão, achava que ela sugeria um progresso gradual e civilizado rumo a um destino certo, a ponto de se imaginar, por vezes, a bordo de uma grande embarcação com as velas ao vento e as bandeiras desfraldadas, vendo a luz do sol se refletir no mar encapelado enquanto deixava para trás a terra dos vivos. Gostava dessa imagem. Ela obscurecia a realidade clínica da morte e o impedia de pensar na indignidade de coisas como falência de órgãos, água nos pulmões, injeções de morfina, sangue velho secando no interior de veias moribundas.

O advogado assentiu. Mads Ahlegaard, era esse seu nome. Skou-Larsen o havia escolhido por ser filho do outro Ahlegaard que sempre fora seu advogado. Mas agora o Ahlegaard Pai se achava às voltas com um taco de golfe em Marbella, no sul da Espanha, e Skou-Larsen teria que se conformar com a versão mais jovem e menos confiável de seu fiel escudeiro.

– Entendo perfeitamente a sua preocupação, Jørgen – garantiu Ahlegaard Filho, mais uma vez assentindo para enfatizar as palavras. – Mas... de que tipo de apoio você imagina que sua mulher poderá precisar?

Faltava pouco para que Skou-Larsen perdesse a paciência de vez. Já havia explicado tudo antes.

– Sempre fui eu que cuidei de tudo. Todas as decisões administrativas e financeiras e... bem, quase todo o resto também. Quero que Claus... isto é, nosso filho... ocupe esse lugar no futuro.

O futuro. Mais um eufemismo para a abominável realidade da morte. O futuro, ou seja, lá adiante, depois que os vermes se fartarem das minhas carnes mortas e saírem à procura de outro banquete.

– Sim, tenho certeza que ele poderá ajudá-la bastante – disse Mads.

Skou-Larsen sentiu uma tensão nos músculos em torno dos olhos e da boca. O rapazote do outro lado da mesa simplesmente *se recusava* a entender, sentado ali em mangas de camisa, com o paletó pendurado no encosto da cadeira, como um colegial. Que idade teria ele? Não mais que 35, sem dúvida. Caso contrário, já teria aprendido que nem todos gostam de ser tratados pelo primeiro nome, com tamanha falta de cerimônia.

– Mas e se ela não pedir a ajuda dele? Se apenas for lá e fizer... sei lá, *alguma coisa*? Ela não tem nenhuma experiência de negócios, sempre foi muito ingênua, presa fácil para qualquer mau-caráter. É muito mais frágil do que as pessoas imaginam. Por isso, acho que devemos tomar algumas... precauções.

– Que tipo de precauções? – perguntou Mads.

– Se meu filho tivesse uma procuração, por exemplo. Nesse caso, ele poderia controlar as finanças da mãe, a administração da casa.

– Jørgen, sua mulher é adulta, pode tomar as próprias decisões. Além disso, a casa está no nome dela.

– Eu sei! É *esse* o problema!

Com o dedo indicador bronzeado, Mads empurrou os óculos de titânio mais para cima do nariz.

– Pelo contrário: isso facilitará bastante as coisas para ela do ponto de vista dos tributos. Os impostos imobiliários não são brincadeira.

– Pode ser. Mas isso também facilitou as coisas quando ela resolveu procurar um banco por conta própria e tomar um empréstimo de 600 mil coroas para depois torrar tudo num projeto imobiliário que provavelmente nunca existiu fora das fotos dos panfletos de propaganda. É tão difícil assim entender que me preocupo com ela?

– Jørgen, acho que você devia conversar com sua mulher. Talvez você e Claus devam falar com ela juntos. Legalmente, a casa é dela e ela pode dispor do imóvel do jeito que bem entender. Do ponto de vista jurídico e ético, não há nada que eu possa fazer, nenhum documento que eu possa conceber para mudar isso. A menos que ela concorde com essa ideia da procuração.

– Não, ela não concorda – disse Skou-Larsen. Já havia tentado, mas sem sucesso.

– Não? Nesse caso...

A reunião estava terminada, a julgar pelo modo como Ahlegard recolhia seus papéis. Skou-Larsen permaneceu imóvel, mas o jovem advogado contornou a mesa para apertar sua mão e indagou:

– Quer que eu peça a Lotte para chamar um táxi?

– Não precisa. Vim de carro.

– É mesmo? Puxa, aposto que teve dificuldade para encontrar uma vaga aqui perto...

Skou-Larsen se levantou sem pressa.

– Quer dizer então que você não vai me ajudar – resmungou.

– Estaremos sempre aqui para ajudá-lo. Se houver alguma coisa que possamos fazer, basta ligar e marcamos uma reunião.



Uma chuva de abril acabara de se dissipar quando Skou-Larsen deixou o prédio em que ficava o escritório de seu inútil advogado. No parque do outro lado da rua, arbustos de flores amarelas pingavam sobre os caminhos de cascalho e bicicletas passavam por perto, os pneus chiando na ciclovia molhada.

Como Ahlegard previra, ele tivera dificuldade para encontrar uma vaga nas imediações e já estava quase sem fôlego ao alcançar o estacionamento subterrâneo da Adelgade, onde enfim conseguira deixar seu adorado Opel Rekord. Talvez por isso não tivesse visto o Citroën preto se aproximar.

– Ei, cuidado aí!

Alguém o puxou pelo ombro e ele deu um passo para trás antes de perder o equilíbrio e se esborrachar no chão. O pneu do carro, cintilante em razão da chuva, passou a poucos centímetros de seu rosto e o pó do asfalto molhado atingiu uma de suas faces como se fosse granizo.

– O senhor está bem?

O Citroën já ia longe. Skou-Larsen viu-se aos pés de um rapaz bastante suado com uma camiseta verde-limão de ciclista e um short de lycra da mesma cor. Não conseguia formar as palavras para responder.

– Quer que eu chame uma ambulância? – insistiu seu salvador.

Skou-Larsen fez que não com a cabeça. Nada de ambulância.

– Vou voltar para casa – conseguiu dizer enfim. Sabia que Helle estava à sua espera, não queria que ela se preocupasse.

Ficou de pé e agradeceu ao ciclista fosforescente. Chegando ao Opel, acomodou-se diante do volante. Nada havia acontecido, disse a si mesmo, e repetiu, só por garantia: absolutamente *nada* havia acontecido.

A caminho de casa, no entanto, não conseguiu deixar de pensar no que *poderia* ter acontecido. Não algo gradual, que se arrastasse por meses, talvez anos. Tudo ocorreria num único segundo e ele ficaria estatelado no asfalto como um mosquito cheio de sangue no para-brisa de um carro.

Também se podia morrer daquela forma.

— **C**ARAMBA – DISSE MAGNUS. – Ela bem que podia ter feito direito e acabado com a raça desse filho da puta.

Nina virou-se para fitar o chefe. O sorriso dele parecia forçado e sua tentativa de fazer humor negro era tão sem jeito quanto o próprio corpanzil. Ele dava a impressão de estar cansado. Cansado e pálido, completamente desprovido do aspecto habitual, do fulgor dourado de um cruzado viking sempre a postos para combater dragões, infieis e burocratas.

– Olha só para as mãos desse juiz – sussurrou ele. – Parece que são feitas de massinha de modelar. Quanto desperdício de espaço. Essa gente não faz mais do que empurrar papel para a frente. Malditos. Maldito sistema.

Magnus esvaziou os pulmões com uma sonora bufada de desprezo e deixou o corpo cair para trás, fazendo a cadeira, frágil demais para tanto peso, ranger de modo ameaçador. Por fim, ergueu os olhos para o teto, resignado.

Nina sabia que os tribunais tinham esse efeito sobre ele. Não era a primeira vez que via o chefe se desesperar com os excelsos representantes do “sistema” dinamarquês. Duelar com a burocracia e os advogados sempre o exauria.

Ela, por sua vez, reagia de modo diferente: engolia a própria raiva e a deixava ali, fermentando em algum lugar nas imediações do diafragma.

Eram 13h24.

Fazia mais de uma hora que Natasha estava completamente imóvel, sentada com os cotovelos ligeiramente apoiados na mesa dos réus, uma expressão distante nos olhos azuis e áridos. Parecia alheia ao próprio julgamento e só demonstrou algum interesse quando a intérprete russa se aproximou para traduzir todo o falatório em dinamarquês. A jovem ucraniana fora detida sete meses antes. Sua filha, Rina, havia sido enviada de volta para o acampamento da Cruz Vermelha em Furesø, onde zanzava pelos corredores feito um fantasma entre as outras crianças mais barulhentas.

O sol forte atravessava as janelas altas do tribunal e partículas de poeira rodopiavam nas réstias de luz. A promotora estava prestes a concluir sua argumentação. Ela era miúda e enérgica, tinha cerca de 45 anos e estava vestida de forma impecável com um terninho azul-escuro; meias de náilon cor da pele e uma correntinha de ouro no pescoço completavam o visual.

Nina olhava para o gesso do teto enquanto a mulher lentamente recapitulava os detalhes do indiciamento. Como se precisasse. Como se todos ali já não soubessem o que viria depois.

– A ré, Natasha Dimitrenko, dirigiu-se a uma loja de material de caça em Nordre Frihavngade...

Nina sentiu um formigamento de inquietação que a obrigou a se espreguiçar feito um gato, lenta e silenciosamente. Sentada ao lado de Natasha, a intérprete russa fazia um suave contraponto à estridência da promotora.

– ... e comprou uma Sterkh-1, uma faca russa de 24 centímetros, tradicionalmente usada para eviscerar e esfolar os animais...

Nina encarou Natasha e tentou encontrar os olhos dela sob as franjas ralas.

– ... e foi com essa faca que a ré golpeou quatro vezes seu noivo, Michael Anders Vestergaard, em três lugares: no braço, no ombro e no pescoço.

Nina e os outros da Cruz Vermelha sabiam que o homem era um porco sádico que agredira Natasha brutalmente, deixando-a com lacerações vaginais tão profundas que Magnus se vira obrigado a suturá-las. Mesmo assim, Natasha voltara para os braços do ogro, disposta a tolerar tanto a violência sexual quanto a humilhação para evitar ser deportada para a Ucrânia.

Nina havia deposto na segunda-feira, assim como Magnus, a quem tinha cabido a tarefa nada invejável de recosturar Natasha no verão anterior, na clínica, depois daquilo que a acusação via apenas como “sexo consensual com elementos de dominância”. Magnus descrevera o estado de Natasha com todos os nauseantes detalhes enquanto a promotora displicentemente examinava seus papéis, fazendo anotações nas margens.

Sim, Natasha havia consentido – ou pelo menos tolerado. Não, ela não tinha procurado a polícia. Nem mesmo para contar das suspeitas de que o homem começava a se interessar por Rina. No dia em que o vira enfiar um dedo sob a calcinha da menina, em vez de chamar a polícia, ela comprara a tal faca. Telefonara para Nina, mas só quando já era tarde demais.

Natasha estava condenada antes mesmo de ser levada a julgamento; todos sabiam seu destino. Primeiro seria condenada por agressão com intenção de matar. Agressão premeditada, claro, uma vez que muitas horas haviam decorrido desde a compra da faca até o momento em que a lâmina foi enterrada no pescoço de Michael Vestergaard, a poucos milímetros de um golpe fatal. Ela seria jogada na cela de um presídio dinamarquês até que seu pedido de asilo percorresse todo o labirinto burocrático do Controle de Imigração e fosse negado. Enquanto isso, Rina consumiria meses ou anos de sua infância sob os cuidados bem-intencionados mas inadequados do sistema de asilo político,

mais provavelmente na unidade infantil da Cruz Vermelha de Furesø. Tão logo Natasha fosse deportada para cumprir o resto da sentença numa prisão da Ucrânia, Rina também seria despachada para lá e aguardaria num orfanato qualquer a soltura da mãe. Tudo isso era tão previsível quanto o monótono relato da promotora e o lento folhear de suas páginas enquanto a audiência prosseguia.

Vestergaard estava sentado no fundo na sala, a camisa Hugo Boss acinzentadamente desabotoada para que todos pudessem ter uma visão desobstruída das cicatrizes horrendas na altura do pescoço e do ombro. Ele estava com um braço em volta dos ombros de uma moça de pele morena que parecia ser sul-americana. A certa altura, segurou com delicadeza o queixo da nova namorada, mas ela se retraiu um pouco, assustada. No entanto, logo abriu um sorriso e deixou que ele corresse o dedo sobre seu lábio inferior, borrando um pouco do batom.

Havia muito tempo ele perdera o interesse no julgamento.

Magnus seguiu o olhar de Nina.

– Ela devia ter feito o serviço completo – sibilou.



A revolta ainda corroía Nina quando ela entrou no estacionamento em frente aos portões da Cruz Vermelha. Seu turno já terminara, mas o que ela tinha a fazer não poderia ser delegado a outra pessoa.

Nina esperou no carro por um segundo, ofegante. O mormaço fazia o ar ondular sobre as telhas de madeira escura da unidade infantil. Sentadas na grama, com as pernas compridas espichadas sob o sol, duas adolescentes folheavam casualmente uma revista. Nina sabia que uma delas era da Etiópia. Nunca tinha visto a outra antes, mas, a julgar pelo branco azulado das pernas, devia ser mais uma garota do Leste Europeu sonhando com uma vida melhor no Ocidente. Eram menores desacompanhadas. No momento, cerca de cinquenta meninas na mesma condição estavam naquelas instalações que um dia haviam sido uma caserna. Era ali que Rina também se alojava enquanto Natasha permanecia detida. Cogitaram transferi-la, mas Magnus fizera tanto escândalo que as autoridades por fim tinham cedido. “Pensem bem”, argumentara ele, “essa menina foi arrancada lá dos cafundós da Europa para depois chegar aqui e ficar meses sob a custódia daquele monstro doentio. Somos as únicas pessoas que ela conhece na Dinamarca. Ninguém vai tirá-la daqui”.

Nina encontrou Rina no quarto. A menina de 7 anos estava sentada em um sofá vermelho novinho em folha, cercada de um punhado de bonecas Barbie semidespidas e com os cabelos irremediavelmente desgrenhado. Empunhava um celular velho e quebrado, apertando os botões com total concentração.

Nina respirou fundo, sabendo que precisava acabar logo com aquilo. Para atrair a atenção da menina, disse:

– Ei, Rina. Hoje estive com a sua mãe.

Como se compusesse uma longa mensagem de texto, Rina seguiu digitando com os dedinhos firmes, as unhas roídas quase até o sabugo. Delicadamente, Nina pousou a mão sobre a dela.

– As coisas saíram do jeito que a gente tinha imaginado, Rina. Sua mãe vai ficar presa por um tempo aqui na Dinamarca, mas depois vocês vão voltar para a Ucrânia.

Nina já havia pensado em como transformar a parte da Ucrânia numa espécie de boa notícia, mencionando a liberdade e o futuro após a sentença de Natasha, mas naquele momento não lhe ocorriam palavras que pudessem pintar um cenário diferente do país e da realidade que certamente aguardavam pelas duas: uma terra de ninguém erma e miserável.

Natasha nunca contara por que havia deixado a Ucrânia com a filha e Nina nunca perguntara. Talvez estivesse fugindo da pobreza, da política linha-dura, da máfia, da prostituição... Tudo era possível. Tinha lá seus motivos e seria preciso bem mais do que palavras otimistas para convencer Rina de que a Ucrânia era o final feliz daquela história. Com a cabeça abaixada, a menina permaneceu imóvel, exceto pelas mãos ligeiramente trêmulas.

– Sei que é difícil para você...

Nina se aproximou um pouco. Sua vontade era pegar a pobrezinha no colo, levá-la consigo para seu apartamento em Østerbro e cuidar dela até que... bem, até quando? Ainda que reunisse todas as suas forças, ela não conseguiria resolver mais que uma pequena fração de todos os problemas da garota. A mãe dela estava presa, e nada se podia fazer a respeito. Natasha deveria cumprir cinco anos, um prazo totalmente incompreensível para uma criança de 7 anos. E, na hipótese de que a mãe fosse cumprir a pena num presídio ucraniano, os dias que Rina passaria na unidade infantil da Cruz Vermelha talvez acabassem sendo os melhores de toda a sua infância.

Nina afastou o pensamento. Se as coisas chegassem a tal ponto, eles teriam que pensar em algo. No que dependesse dela, Rina jamais mofaria num orfanato ucraniano. Delicadamente, Nina colocou uma longa mecha dos cabelos

da menina para trás da orelha. Os olhinhos azuis estavam arregalados, mas de um modo estranho, opacos, como se olhassem para dentro.

– Você vai ficar aqui no Centro com a gente, Rina. Entende o que estou dizendo?

A menina não respondeu.

– Você vai morar aqui, vai estudar aqui, como tem feito até agora. Ingrid e as outras funcionárias do Centro vão cuidar de você e levá-la para visitar sua mãe de vez em quando, ok? – Ingrid era a ex-professora durona que comandava o programa de assistência aos internos menores de idade. – Mas eu também vou ficar por perto. Venho ver você quase todos os dias, prometo.

Rina por fim meneou a cabeça, mas Nina não soube ao certo o que aquilo significava: ou a menina sinalizava que havia compreendido ou apenas estava dando a conversa por encerrada. Rina se recostou no sofá, pegou uma das bonecas e começou a vesti-la com os dedinhos desajeitados.

– Muito bem, então – disse Nina. – Agora eu preciso ir.



Naquele fim de tarde, não havia quase nenhum movimento no Centro. Boa parte dos funcionários de tempo integral já se preparava para ir embora e dali a pouco os seiscentos residentes seriam abandonados à própria escuridão pessoal. Um pequeno grupo de homens e mulheres fazia fila no prédio da administração para receber o tíquete que dava direito ao jantar. Do outro lado do terreno, vinha o zun-zum-zum das unidades familiares, os gritos distantes da criançada. Os dias no acampamento eram modorrentos, nada parecia acontecer, mas as noites eram tensas e irrequietas. Servia-se o jantar às seis horas e, depois, as portas do escritório central eram trancadas. Os funcionários voltavam à civilização. Apenas alguns guardas noturnos permaneciam para patrulhar os corredores e impedir que paquistaneses, indianos e iraquianos se matassem uns aos outros durante a madrugada. As poucas mulheres solteiras se escondiam; as famílias com crianças se trancavam em seus cômodos com a TV ligada no volume máximo a fim de abafar a algazarra dos rapazes bêbados e as brigas constantes dos vizinhos.

À tarde, as pessoas não faziam mais do que esperar pela noite.

Nina conferiu o relógio: 16h04. Ainda teria tempo para dar uma rápida passada na clínica. Pediu à cuidadora que desse atenção especial a Rina, mesmo sabendo que as demais crianças da unidade não estavam em condições muito melhores. Em seguida, saiu ao pátio e atravessou o caminho

de lajotas que levava ao prédio de tijolos aparentes que abrigava a clínica e a enfermaria.

Pelo estado da sala de espera, ficou claro que a semana em que ela e Magnus haviam se ausentado para acompanhar o julgamento de Natasha bastara para que o caos se instalasse. Marie e Berit – respectivamente a secretária e a segunda enfermeira da clínica – eram competentes, mas não faziam milagres. Recolher revistas, varrer o chão, arrumar os papéis, tudo isso perdia importância diante da necessidade de registrar reclamações, monitorar inflamações de garganta, enfrentar desequilíbrios psicológicos e fazer a triagem dos possíveis pacientes, muitos saindo insatisfeitos porque o “doutor”, isto é, Magnus, não estava lá para atendê-los.

A porta para o ambulatório estava trancada, logo Berit e Marie já tinham ido embora. No umbral, havia um *post-it* amarelo com um bilhete rabiscado às pressas, quase ilegível, que não parecia ter sido escrito por nenhuma das duas. Nina tentou decifrar os garranchos. Ao que parecia, a família do quarto 42 pedia que um médico ou uma enfermeira passasse por lá.

Ela novamente conferiu as horas: 16h07. Prometera a Anton comprar um novo par de chuteiras a caminho de casa. Mas, se abrisse mão de colocar em dia sua papelada ainda naquela tarde, talvez conseguisse encaixar a visita. Lembrava-se muito bem do quarto 42. A família havia chegado do Irã três meses antes: a mãe era médica, mas, ali no acampamento, isso não significava muita coisa. Era como se o passado das pessoas fosse apagado e elas perdessem, de uma hora para outra, todas as habilidades, a autoestima, a independência. Nina já vira isso acontecer inúmeras vezes. Depois de um tempo, as pessoas mal conseguiam amarrar os próprios sapatos.

A porta do quarto já se achava aberta. Na extremidade do cômodo escuro, dois pré-adolescentes estavam grudados na televisão, assistindo a um *game show* com o volume nas alturas. A mãe estava sentada na cama ao lado do marido enfermo e acariciava sua testa. Ela ergueu os olhos preocupados assim que avistou Nina na soleira.

– Dor de cabeça outra vez – explicou, apontando para o marido, que arfava dramaticamente com os olhos fechados. – Acho que é meningite.

Nina puxou uma cadeira, sentou-se junto do homem e pôs a mão na testa dele. Sem febre. A mulher já os chamara na semana anterior, dizendo suspeitar de um tumor cerebral, mas Magnus afirmara que provavelmente era uma simples enxaqueca.

Nina balançou a cabeça e tomou a mão da mulher entre as suas.

– Não é nada sério, não precisa se preocupar.

A mulher parecia cética.

– Você ainda tem os comprimidos que o médico lhe deu? – Nina perguntou ao homem. – Tem tomado direito?

– Sim – balbuciou ele.

Nina ainda ficou ali por mais um tempo. Chegou a pensar na possibilidade de um novo emprego, algo que não a deixasse naquele estado deplorável. Sabia muito bem qual era o problema do iraniano: medo. Uma ansiedade crônica que aos poucos resvalara para o pânico permanente. Como seria possível tratar de uma coisa dessas com meia dúzia de amenidades e aspirinas? Não. Isso estava errado. Pior ainda. Isso era absolutamente repreensível.

Ela forçou um sorriso consolador.

– A gente se vê amanhã, ok? Fiquem tranquilos, está tudo bem.

A mulher não respondeu e Nina sabia por quê. O mais provável era que o marido não tivesse mesmo meningite, mas, fora isso, nada estava bem, nem de longe. Dali a pouco ela sairia para comprar chuteiras para o filho e a noite cairia sobre o Centro de Furesø.

Nina se despediu com um aceno de cabeça e foi para o corredor, fechando a porta com força exagerada.

QUANDO ELES PEDIRAM PARA SEREM levados à rua Tavaszmezö, no Oitavo Distrito de Budapeste, o taxista trancou todas as portas. Sándor ouviu claramente o clique das travas e não pôde deixar de notar o olhar de desconfiança que o homem lhe lançou pelo retrovisor. Por sorte Lujza estava a seu lado. Apesar da inclinação para os xales esquisitos e as roupas de brechó (*boho chic*, como ela gostava de chamar), Lujza tinha os cabelos claros e a postura ereta típicos da classe média húngara, suficientes para lhe conferir o ar de uma pessoa centrada e respeitável. Quanto a ele, por mais que caprichasse nos nós das gravatas, engraxasse os sapatos e passasse as camisas a ferro, sempre haveria um ponto de interrogação pairando sobre sua cabeça: a dúvida que ele agora via nos olhos do taxista.

– Ainda bem que você está aqui – falou Sándor em voz alta.

Por outro lado, ele não estaria naquele táxi se não fosse por ela. Jamais andava de táxi.

Lujza o encarou surpresa. Decerto não havia notado o trancar das portas, tampouco as suspeitas do motorista.

– Por quê?

Sándor não se deu o trabalho de explicar.

– Porque está tudo ótimo.

Tomando isso por mais um elogio, Lujza sorriu.

– Você é um amor – disse ela, beijando-o no rosto.

Eles vinham da cerimônia de batismo de um sobrinho de Lujza, filho de sua irmã mais velha e primeiro neto de seus pais.

Sándor também fora oficialmente apresentado à família Szabó. Os nervos ainda estavam à flor da pele, mas o que ele sentia agora era mais cansaço do que aquela tensão paralisante que o tinha acometido na viagem de ida. Sua vontade era perguntar a Lujza se havia se saído bem, mas já sabia a resposta. Não, ele não havia se saído bem. Todos o trataram com educação, até mesmo com simpatia. O Sr. Szabó apertara sua mão com firmeza e papeara sobre os estudos, sobre os exames que estavam por vir e, principalmente, sobre a especialidade que ele pretendia escolher no futuro – o homem também era advogado e tinha abraçado com entusiasmo o direito penal. A

Sra. Szabó estava tão preocupada com o netinho embrulhado em tule que mal dera atenção a Sándor, abrindo-lhe um sorriso frouxo quando foram apresentados. Não havia nada de errado com o tratamento que recebera; o que o aborrecera fora seu próprio desempenho na festa. Ele tinha sentido aquela tensão que lhe congelava os músculos do rosto e frequentemente lhe roubava a voz quase por inteiro, dificultando as conversas. Volta e meia seus interlocutores eram obrigados a interrompê-lo para perguntar: “O que foi que você disse?”

Sándor sabia que não havia causado boa impressão. Não entendia como Lujza podia estar ali a seu lado, aparentemente feliz, dando beijos em seu rosto.

Na altura da rua Szív, o motorista precisou reduzir a velocidade por causa dos pedestres que atravessavam com displicência, sem ao menos olhar, como se as normas de trânsito não existissem. Redobrando os cuidados, ele avançou devagar, abrindo caminho entre as pessoas, na esperança de conseguir entrar na avenida Andrassy, mas não teve sucesso. O acesso ao amplo bulevar estava interditado por um punhado de policiais e uma barricada temporária, e as pessoas zanzavam por toda parte, tanto no asfalto quanto nas calçadas. O taxista ainda tentou dar marcha a ré, porém já não era mais possível: a multidão havia se fechado como um punho em torno do carro. O motorista entreabriu sua porta, espichou a cabeça para fora e berrou para o policial mais próximo:

– Ei, o que está acontecendo?

O policial se virou e acenou para o motorista com a cordialidade de um colega.

– Uma manifestação. Assim que acabar, liberamos o acesso.

O taxista se acomodou diante do volante, fechou a porta do carro e voltou a trancá-la.

– Desculpem, mas vamos ter que esperar. – Ele baixou as janelas o bastante para que circulasse um pouco de ar. Em seguida, desligou o motor e explicou:

– Para economizar gasolina. Estamos presos aqui, fazer o quê?

Através das frestas das janelas, Sándor podia ouvir a batida dos tambores e as palavras de ordem. Restava-lhe computar a fortuna que precisaria pagar pela corrida. O motor havia sido desligado, mas o taxímetro, não.

– Talvez fosse melhor a gente seguir a pé – sugeriu ele. – Ou de metrô.

– Estou de salto, esqueceu? – objetou Lujza.

Os tambores ficavam cada vez mais ruidosos. Os manifestantes se aproximavam, vindo pela avenida Andrassy desde a praça dos Heróis, supunha Sándor. Ele não conseguia ver direito o que se passava fora do táxi, mas agora podia ouvir o que as pessoas berravam:

– Salvem a Hungria já! Salvem a Hungria já!

Involuntariamente, Sándor escorregou alguns centímetros no banco. Aquilo só podia ser coisa dos Jobbik, que mais uma vez saíam às ruas para pedir a cabeça dos judeus, dos comunistas e dos ciganos, de todos aqueles que estavam “levando a pátria à ruína”.

– Esses idiotas... – resmungou Lujza, e crispou os lábios como se tivesse descoberto alguma porcaria na sola dos sapatos. – Um bando de racistas, de conformistas lobotomizados.

O motorista se virou e lançou a Lujza o mesmo olhar desconfiado que havia desferido contra Sándor no início da viagem.

– Os Jobbik não são racistas. Querem uma Hungria melhor, só isso.

Essa não, pensou Sándor, não comece uma discussão.

Era uma esperança infundada. Lujza se empertigou no banco e fuzilou o taxista com os olhos, 58 quilos de indignação humanista contra 117 de banhas e músculos nacionalistas.

– E que tipo de Hungria seria essa? – questionou ela. – Uma Hungria clinicamente expurgada de todo tipo de diversidade? Uma Hungria em que você pode ser preso só porque sua pele tem uma cor diferente? Uma Hungria em que é perfeitamente aceitável que os ciganos tenham menos quinze anos de expectativa de vida que o resto da população?

– Se eles querem viver mais, é só beber menos, ora. Também seria bom que parassem de espalhar suas doenças por aí.

– Onde é que o senhor aprendeu tanta bobagem? Na HIR TV?

– Bem, alguém precisa dizer a verdade, já que o governo não faz isso – insistiu o homem. – Queria ver a senhorita dirigindo um táxi à noite em Budapeste. As ruas são controladas pelas gangues de ciganos. Você pisca para o lado errado e eles enterram uma faca no seu pescoço. Essa gente é pior que animal.

Foi o que bastou para que Lujza arrancasse da bolsa um punhado de notas de 10 mil florins e as jogasse no banco da frente.

– Aí está. A gente vai descer agora mesmo.

O motorista não fez objeção e as portas foram destravadas.

– Cadela. Dá o fora do meu táxi e leva esse cigano sarnento com você.

Lujza escancarou a porta e saltou para a rua. Sándor ficou paralisado por alguns segundos, a pele formigando como se as palavras do motorista o tivessem atingido fisicamente. Sua garganta havia fechado, o que não fazia muita diferença, pois ele não sabia o que dizer.

– *Vem*, Sándor – chamou Lujza, irritada.

Ele abriu a porta como pôde e desceu em meio a uma turba que se acotovelava na direção da barreira policial.

– Mas os seus sapatos... – ele conseguiu dizer. – Os saltos...

– Prefiro ir *a pé* e *descalça* até a Tavaszmészö! – rebateu Lujza.

Ela começou a chorar e Sándor precisou atropelar os manifestantes para contornar o carro ao encontro dela. Só o que desejava era sair dali, ir para bem longe daqueles tambores, daqueles gritos e daquelas faixas vermelhas e brancas que se aproximavam. Acima da cabeça deles, ressoava o vozerio, tanto o dos manifestantes quanto o do alto-falante de má qualidade no alto de um carro.

– Salvem a Hungria já! Salvem a Hungria já!

Ao que parecia, Lujza estava mesmo disposta a cumprir sua promessa, pois agora, equilibrando-se numa das pernas, dobrava a outra para tirar o sapato. Parecia tão pequena e tão vulnerável naquele vestidinho de verão cor de creme, sem mangas... O xale de seda branca havia escorregado de um dos ombros e o pescoço parecia estranhamente exposto porque, devido a uma singela homenagem às festividades do dia, seus cabelos estavam presos no alto com um par de flores também de seda branca. A vontade de Sándor era interrompê-la. Doía-lhe imaginar aqueles pezinhos nus em meio ao tropel de botas e sapatos de tantos manifestantes. Ela não fazia ideia de como era perigoso o que estava fazendo, e tanta intrepidez chegava a assustá-lo.

– Malditos fascistas! – exclamou ela, e as lágrimas se misturaram ao pó da maquiagem. – E são tantos! É de embrulhar o estômago. – Apoiando-se em Sándor, tirou o segundo sapato.

– Calce isso de novo – suplicou ele. – E se você pisar num caco de vidro?

Lujza não lhe deu ouvidos.

– São uns idiotas que acreditam cegamente em tudo o que diz a propaganda nacionalista da televisão. Como é que podemos deixar essa gente marchar nas ruas com esses uniformes ridículos? Será que não aprendemos nada?

– Shhh!– sibilou ele instintivamente.

– Você está mandando eu *me calar*? – Ela o encarou, indignada.

– A gente nunca sabe o que... – começou ele, depois emudeceu. Não queria correr o risco de instigá-la ainda mais.

– Você está com medo? Está com medo deles?

Bem, ele estava, sim.

– Aquele homem chamou você de “cigano sarnento”! – Ela apontou para o taxista, que por sorte permanecera onde estava, ilhado em seu Mercedes verde. – Só porque você tem os cabelos escuros! E você nem se *parece* com um cigano!

– Eu sei... – balbuciou ele.

– Você não pode permitir que falem o que quiserem! Não pode deixar barato!

– É verdade – disse ele, esperando que o assentimento desse fim à discussão.

Subitamente, a multidão começou a tombar numa espécie de efeito dominó, uns caindo para o chão, outros tentando se equilibrar, outros tantos procurando sair do caminho. Sándor puxou Lujza para junto de si, fazendo o possível para não desabar com ela. Uma das barricadas havia tombado e um confronto eclodira entre os policiais de coletes verde-neon e capacetes pretos e um pequeno grupo de jovens que tentava entrar na avenida Andrassy. Tinham todo o jeito de adolescentes punks, com os cabelos espetados, casacos de capuz e calças rasgadas, largas o bastante para deixar à mostra boa parte das cuecas. Empunhavam cartazes que diziam: “NÃO AO RACISMO! FODAM-SE OS FASCISTAS!”

Através do espaço que se abriu durante a comoção, Sándor enfim pôde ver melhor os manifestantes que seguiam do outro lado das barricadas. Longas e ordenadas filas de homens e mulheres vinham marchando pela avenida, todos de camisa branca, calças pretas, coletes pretos e lenços listrados de vermelho e branco amarrados no pescoço; na cabeça, casquetes militares com brasões também em vermelho e branco. Tinham uma estranha semelhança com bailarinos de dança folclórica, inofensivos e corados, nem de longe similares aos fanáticos skinheads com olhares brilhando de ódio e socos-ingleses nos dedos.

– Eles parecem tão... *normais!* – exclamou Lujza, tão próxima que Sándor podia sentir no pescoço o calor do hálito dela. – Tão ordeiros e certinhos. Mas aquelas listras dos Árpád e aquelas cruzes patriarcais... Quem eles pensam que estão enganando? Por que não mostram uma suástica logo de uma vez? Ou uma cruz de flechas?

– Não são apenas Jobbik, esses aí – afirmou Sándor, novamente cedendo aos maus presságios. – Tem também o pessoal da Magyar Gárda, que é treinado com armas.

Talvez um pouco do medo que ele sentia houvesse passado para Lujza, pois agora a namorada não demonstrava o mesmo ultraje. Ela se manteve em silêncio, simplesmente se deixando abraçar.

– Vamos para casa – disse ela por fim.



A viagem de volta levaria mais de uma hora. A estação de metrô de Kodály Körönd estava fechada, decerto para que os manifestantes não vandalizassem as belas instalações históricas. Eles foram abrindo caminho pela multidão até a Oktogon e lá pegaram o bonde para a praça Rákóczi. Lujza havia calçado os

sapatos de salto alto e seguiu calada, perdida nos próprios pensamentos, até quando percorreram a última etapa do caminho, deixando para trás o amplo bulevar József para se embrenhar nas ruas mais estreitas do Oitavo Distrito. O sol da tarde ardia branco no horizonte, queimando as calçadas rachadas. Uma família de ciganos em roupas de domingo posava na escadaria da igreja Józsefváros, na rua Horváth Mihály, prontos para serem fotografados.

– Olha – disse Sándor. – Eles também tiveram um batismo.

Lujza meneou a cabeça, mas não reagiu com o ânimo esperado. Nem mesmo quando ele sugeriu uma escala na padaria da esquina para um café com bolo de sementes de papoula.

– Estou cansada. Quero ir para casa, só isso.

Lujza dividia com mais três estudantes um apartamento na rua Tavaszmező. Sándor sabia que os pais dela, o Sr. e a Sra. Szabó, não viam aquilo com bons olhos e preferiam que a filha tivesse ficado por mais tempo sob as asas deles no ambiente ligeiramente mais abastado do Segundo Distrito, onde ela havia sido criada. “Mas Lujza só faz o que Lujza quer”, Papa Szabó costumava falar, resignado.

Ela não o convidou para subir e Sándor não insistiu. Despediu-se dela com um beijo no rosto e já estava indo embora quando ouviu:

– Você nunca fica com raiva?

– Raiva do quê?

– Deles... Daqueles idiotas da Magyar Gárda e todos aqueles imbecis uniformizados.

– Claro que sim. Também não suporto extremistas.

Sándor sabia que essa afirmação não era suficiente. Sabia que a namorada se sentia traída. Ele a havia decepcionado num teste bem mais importante do que causar uma boa impressão na família.

Lujza destrancou a porta do prédio e entrou no breu da portaria.

– A gente se fala depois! – berrou ele enquanto a porta se fechava.

Parado ali, diante da decrepitude daquela fachada, com o seu melhor terno e os sapatos meticulosamente engraxados, teve a desconcertante sensação de que aos poucos perdia a namorada, que o mundo estava prestes a mudar, e não para melhor.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br